

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/787>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2020 by UFSCAR/PPGL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## RINDO DA / NA PANDEMIA<sup>1</sup>

Sírio POSSENTI<sup>2</sup>  
Cellina Rodrigues MUNIZ<sup>3</sup>

### Resumo

Este trabalho apresenta brevemente os conceitos de acontecimento, de campo e de formação discursiva, acionados para análise de aspectos da pandemia da Covid-19. Comenta a relação usual entre acontecimento histórico e acontecimento discursivo. Destaca que acontecimentos como a atual pandemia condicionam discursos muito diversos, distribuídos em numerosos campos, como o médico, o político, o científico, o jornalístico, o humorístico, etc. Por fim, analisa um conjunto de “textos” humorísticos, de diversos gêneros e que exploram diversas técnicas, tentando mostrar que retomam outros discursos, alguns associados ao cotidiano do confinamento (bebida, relações familiares etc.), outros expressando posicionamentos políticos ou científicos, entre outros.

**Palavras-chave:** pandemia, acontecimento, campo, humor.

### Abstract

This paper briefly presents the concepts of event, field and discursive formation, used to analyze aspects of the Covid-19 pandemic. It comments on the usual relationship between historical and discursive events. It points out that events such as the current pandemic constrains very diverse discourses, distributed in numerous fields, such as the medical, political, scientific, journalistic, humorous, etc. Finally, it analyzes a set of humorous “texts”, of different genres and that explore different techniques, trying to show that they retake other discourses, some associated with the daily confinement (drink, family relationships, etc.), others expressing political or scientific positions, among others.

**Keywords:** pandemic, event, field, humor.

<sup>1</sup> Este texto é decorrente da Live apresentada pelos autores em 10/06/2020, no Projeto Discurso em Tempos de Pandemia - Fase I. Disponível em <https://www.facebook.com/leedim.ufscar/> e no YouTube <https://www.youtube.com/channel/UChUWKJRSDk0TSdHrb5JtCMA>.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP / CNPq / FEsTA. E-mail: [siriop@terra.com.br](mailto:siriop@terra.com.br)

<sup>3</sup> Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN / FEsTA. E-mail: [cellina979164@gmail.com](mailto:cellina979164@gmail.com)

## Introdução

Um trabalho em análise do discurso baseia-se, implícita ou explicitamente, em pelo menos três conceitos: acontecimento, campo e formação discursiva.

Um *acontecimento* tem uma face histórica (o que acontece) e uma face discursiva (o que se diz). Cabe ao analista tentar esclarecer em que medida o que se diz tem a ver com o que acontece, segundo quais regras ou princípios enunciativos, já que a relação entre acontecimento histórico e acontecimento discursivo não é mecânica.

A propósito de acontecimento, remetemos primeiro ao texto de Foucault “Retornar à história” (FOUCAULT, 1972), que o redefine. Em poucas palavras, para ele, há diversos tipos de acontecimentos, desde os que tradicionalmente são considerados como tais (uma guerra, um tsunami, um ataque terrorista, uma mudança de regime político, uma pandemia) até aqueles que precisam ser construídos pelos historiadores e que, portanto, não são imediatamente visíveis, tais como a queda da taxa de natalidade / mortalidade no Brasil nos últimos 40 anos, as técnicas agrícolas europeias durante a Idade Média, etc.

A relação entre ambos é usual. Mas não é uma relação de causa e efeito, porque, em tese, um acontecimento histórico pode passar em branco, sem que se fale dele. Por isso, a relação mais comum é a de condição e consequência (não à toa se fala em condições de produção dos discursos, e não de causa de produção). Ou seja, se o acontecimento histórico não ocorresse, não haveria os discursos que dele derivam, embora não obrigatoriamente. Por exemplo, poderia não haver discurso humorístico ou religioso a propósito de uma pandemia.

Alguns discursos parecem menos casuais que outros. Mas, tratando-se de acontecimentos como uma “pandemia”, a probabilidade de ocorrerem discursos médicos e científicos é quase uma necessidade. Concretamente: não sealaria de Covid-19, isto é, não haveria enunciados sobre ou a partir da Covid-19, se não houvesse o acontecimento pandemia provocada por tal vírus. Basta verificar em que data os discursos começaram a ocorrer e a ser divulgados. Uma pequena investigação poderia facilmente verificar que até um determinado dia nada havia sido dito sobre esse vírus. Na verdade, depois se soube de um *paper* que de certa forma o antecipara, mas ninguém lhe deu importância até a eclosão do acontecimento (tanto que não se pode recuperá-lo

facilmente<sup>4</sup>). Ou seja: a rigor, tal artigo não foi um acontecimento discursivo, porque não circulou, não foi comentado, retomado, questionado, isto é, não deu origem a outros discursos.

*A posteriori*, pode-se dizer que o filme *Contágio*, de 2011, dirigido por Steven Soderbergh, é uma espécie de premonição, considerando-se como narra o contágio (um morcego infecta um leitão que posteriormente é ingerido num restaurante), pela forma como se rastreiam as pessoas infectadas, pela corrida por uma vacina etc. Mas só *a posteriori* o acontecimento pandemia e esse filme podem ser aproximados, assim como houve outras aproximações com o romance *A peste*, com a gripe espanhola, com S1N1 etc., num interessante jogo de memória.

Dado um acontecimento histórico, quanto mais inusitado ele for, em duração e em suas consequências, maior e mais diversificada será provavelmente a produção discursiva a ele associada. Os discursos que surgem são múltiplos, cada um obedecendo às regras do campo de que se originam: discursos científicos (médicos, genéticos, sanitários, comportamentais etc.), políticos (polêmicas, medidas governamentais), jornalísticos (notícias, dados, polêmicas, opiniões, divulgação científica etc.), religiosos, místicos... e humorísticos.

A noção de acontecimento é relevante para a análise do discurso fundamentalmente porque é a condição de produção de enunciados dele decorrentes, que o noticiam, o analisam, o comparam com outros acontecimentos, que propõem filiações e relações de causa e consequência, de ação, reformulação, retomada e transformação. Enfim, que lhe dão sentido. Assim, há uma relação relevante entre acontecimento histórico e acontecimento(s) discursivo(s).

A pandemia a que nos referimos assemelha-se aos acontecimentos históricos visíveis, mais imediatos e que exploram um “aqui-agora” de modo mais contundente. Assim é em grande medida como decorrência dos múltiplos canais de informação e de análise, como jornais, TVs e outras mídias, as eletrônicas com destaque, sem que por isso deixe de ter aspectos obscuros (quando começou mesmo? onde ocorreu o primeiro caso? foi provocada ou é fruto do acaso?), cada um deles sendo objeto de muitos enunciados, que se repetem ou se confrontam.

---

<sup>4</sup> Ver, a propósito, a seguinte matéria: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-04-01/o-romance-que-antecipou-a-pandemia-de-coronavirus.html>

Acontecimentos como esse são complexos, têm diversas facetas, como a sanitária, a científica, a econômica, a política etc. Cada uma delas, além disso, se desdobra em diversas dimensões. Por exemplo, decorrem da dimensão científica tanto as propostas de isolamento quanto as formas de prevenção e os possíveis tratamentos dos infectados (alguns serão assintomáticos, ela informa), sendo que o próprio tratamento, além de ser controverso, envolve diversos aspectos: os diferentes profissionais da saúde (como eles mesmos sofrem e correm riscos e como se previnem...), os equipamentos, a infraestrutura, as controvérsias sobre a eficácia dos medicamentos...

As análises de acontecimentos complexos como esse envolvem, como é fácil perceber no dia a dia, numerosos aspectos, de que a imprensa vai tratar a quente, e depois a história, com a propalada distância e com mais dados, incluindo a evocação de determinadas memórias (dos álbuns de família aos documentos institucionais). No caso em questão, por exemplo, fazendo-se um paralelo com um século atrás, a gripe espanhola tem sido “revisitada”, até como exemplo de como se deve ou não se deve agir e do que esperar, conforme forem as reações à pandemia atual.

Um dos aspectos em geral menos tratados, ou, pelo menos, não elevados ainda ao mesmo status de outros, no caso de acontecimentos históricos como os mencionados, é o discurso humorístico que os acompanha, o que justifica a pretensão deste artigo. As diversas mídias não deixam de veicular tal discurso, mas, aparentemente, ele não merece o destaque dos outros, talvez por parecer marginal, talvez pouco relevante ou explicativo (talvez por supostamente ser algo que não se deve levar a “sério”). No entanto, a quantidade de textos humorísticos é em geral muito grande (ver, por exemplo, as charges a respeito da guerra do Paraguai – a guerra de papel?)<sup>5</sup>.

Outra noção relevante é a de *campo*, que sumariamente, dá conta do fato de que, entre o indivíduo e a sociedade, há organizações que têm regras próprias, tanto relativas à vida quanto aos discursos. Por exemplo, um cientista é, por um lado, um cidadão (paga impostos, mora num bairro, tem (ou não) filhos que vão à escola etc.) e, por outro, tem um tipo de trabalho cujas regras são de um domínio específico, a que Bourdieu

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, [https://www.google.com/search?q=charge+guerra+do+paraguai&client=firefox-b-d&sxsrf=ALeKk02OIBwD8E4Pi-BO\\_Muf2Fwa3\\_XCtQ:1589982005193&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=V2ELMnDA0qP\\_MM%253A%252CDkbIMLIXVLIM0M%252C\\_&vet=1&usg=AI4\\_-kR6m9FS3\\_8hv051Sv7EdhtCqKFxDw&sa=X&ved=2ahUKEwql\\_nEyMLpAhXnDrkGHWqqCVwQ9QEwAHoECAoQHQ#imgsrc=V2ELMnDA0qP\\_MM](https://www.google.com/search?q=charge+guerra+do+paraguai&client=firefox-b-d&sxsrf=ALeKk02OIBwD8E4Pi-BO_Muf2Fwa3_XCtQ:1589982005193&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=V2ELMnDA0qP_MM%253A%252CDkbIMLIXVLIM0M%252C_&vet=1&usg=AI4_-kR6m9FS3_8hv051Sv7EdhtCqKFxDw&sa=X&ved=2ahUKEwql_nEyMLpAhXnDrkGHWqqCVwQ9QEwAHoECAoQHQ#imgsrc=V2ELMnDA0qP_MM). (acessado em 20/05/2020).

chamou de campo (tem horários de trabalho diferenciados, deve publicar artigos, segundo certas regras que não são os textos de outros campos), etc., o que o diferencia de um advogado ou de um escritor ou jornalista... Conhecem-se campos como o político, o religioso, o científico, etc. Retome-se o que já foi dito acima: a propósito da Covid-19, há discursos políticos, científicos (genéticos, médicos, sanitários), econômicos, psicológicos etc.

Um terceiro conceito é o de *formação discursiva* (doravante, vez ou outra FD). Proposto inicialmente por Foucault (1969) em *A arqueologia do saber* – embora haja controvérsias sobre essa cronologia – designava unidades como a gramática, a medicina, a economia (p. 35-6), praticamente equivalentes ao que Bourdieu chamou de campos. Para Pêcheux, trata-se de “unidades” ideológicas, frequentemente identificadas a vertentes políticas (comunismo, socialismo...) ou religiosas (humanismo devoto, jansenismo etc.). Uma FD pode ser concebida, de maneira geral, como uma “unidade ‘invisível’, que permitiria explicar certo número de fenômenos” (MAINGUENEAU, 2014, p. 82). Por exemplo, dá conta do fato de que determinados conjuntos de enunciados obedecem às mesmas regras enunciativas, materializam a mesma ideologia, selecionam enunciadores segundo critério similares, etc. É um conceito que se tornou até intuitivo; basta ver que é comum que se adjetivem discursos de comunista, socialista, liberal, estatizante etc.

Maingueneau (2008) conferiu a essas unidades também um caráter quase metodológico. Considerando o que os analistas do discurso estudam, propôs uma divisão entre discursos institucionais (que classificou de “unidades tópicas”, entre as quais inclui unidades como as FDs pecheanas, que, no entanto, propõe chamar “posicionamentos”), e unidades não tópicas, isto é, não ligadas a instituições. A estas propõe chamar de formações discursivas, porque, neste caso, quem constrói (*forma!*) o corpus é o analista, considerando a história. São exemplos o discurso racismo, o discurso colonial (p. 18). Mais tarde (Maingueneau 2014), propôs outras unidades, com caráter predominantemente metodológico, embora os exemplos exibam fortes credenciais históricas. Entre suas sugestões estão, por exemplo, as temáticas (a droga, a eutanásia), as de entidade (figuras como o cangaceiro, a princesa Diana de Gales), de acontecimentos (o caso Dreyfus, o golpe de 64), e outras.

Propomos que o conjunto de enunciados associados ao Coronavírus constitua uma FD temática (como “a droga”), mais especificamente, um acontecimento (como “a catástrofe de Z...”, “o 11 de Setembro” etc.). Uma característica de todas essas “novas”

FDs é sua heterogeneidade. Por exemplo, a FD de entidade “Princesa Diana” obriga a considerar discursos sobre realeza, feminilidade, democracia, família, moralidade, celebridade, moda, choque entre vida pública e privada (Wetherell, 2001, *apud* Maingueneau 2014, p. 88). Não é muito difícil imaginar como é complexa e heterogênea uma FD como “a droga”: questões econômicas, psicológicas, jurídicas, policiais, médicas, familiares... Cada um desses espaços implica modalidades enunciativas características (gêneros discursivos diversos, tais como boletins, relatórios, propagandas, reportagens, memes, charges etc.) e seus respectivos campos discursivos (técnico-científico, publicitário, jornalístico humorístico etc.). Simultaneamente, essa FD explora também *cenários* específicos (seja a aldeia chinesa de Wuhan, a praça italiana de São Pedro ou o bairro comercial do Alecrim, em Natal, no Nordeste brasileiro). Por sua vez, também de modo simultâneo, essas entidades e cenários implicam a referência, mais ou menos explícita, a determinados *acontecimentos*.

Nosso propósito neste artigo é analisar alguns textos humorísticos de diversos gêneros (memes, chistes, charges) relativos à *Pandemia do Coronavírus*, verificando especialmente quais são os temas de que os textos tratam e quais as técnicas exploradas, quando relevante.

Evidentemente, o corpus é extremamente reduzido em relação à enorme quantidade de textos que circularam. Trata-se mais de indícios do que de uma amostra representativa.

Como será visto por meio dos exemplos, os dois tipos de acontecimentos a serem explorados – mais ou menos “imediatos” – podem sugerir outros aspectos do campo discursivo do humor – posicionamentos estéticos e/ou ideológicos, por exemplo.

### **Algumas análises**

Merece destaque, a esse respeito, o exemplar caso da charge de Renato Aroeira e publicada no Blog do jornalista Ricardo Noblat. Tanto o chargista como o jornalista foram alvos de um inquérito aberto junto à Polícia Federal e à Procuradoria-Geral da República pelo Ministro da Justiça, André Mendonça, em 16 de junho de 2020. A alegação foi que a referida charge configuraria crime de atentado contra a segurança nacional, a ordem política e social. Ei-la:

CRIME CONTINUADO



**Figura 1:** o “crime” de Aroeira, divulgado no perfil de Twiter de Ricardo Noblat<sup>6</sup>.

Essa charge evoca simultaneamente dois tipos de acontecimentos, apelando, de maneiras distintas, a uma determinada memória discursiva.

Um primeiro acontecimento está intimamente atrelado à função do gênero charge e sua constituição sócio-histórica, que seria o de se posicionar, imagética e humoristicamente, sobre assuntos da ordem do dia na mídia jornalística. O assunto, no caso, relaciona-se à afirmação feita pelo presidente Jair Bolsonaro na qual instava apoiadores a invadir hospitais e registrar em vídeos a ocupação de leitos decorrente da Covid-19, pondo em dúvida especialmente a ocupação dos hospitais, dando a entender que o número de casos era menor que o divulgado, pondo em dúvida tanto a gravidade da doença quanto a necessidade de investir na estrutura de hospitais e no número necessário de leitos simples e de UTIs.

A charge é um amálgama de duas imagens fortemente presentes na memória social: uma cruz vermelha, associada a situações em que o tratamento da saúde é uma necessidade premente, como nas guerras, quando então é associada à Cruz Vermelha, e mais comumente à saúde, às profissões médicas e paramédicas. A outra imagem é a cruz suástica, ícone do nazismo. Quando o chargista modifica a cruz vermelha associada

<sup>6</sup> Ver

[https://twitter.com/BlogdoNoblat/status/1272353246137458691?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Eetweentembed%7Ctwtterm%5E1272353246137458691&ref\\_url=https%3A%2F%2Fhoradopovo.com.br%2Fperseguiacao-a-aroeira-e-noblat-confirma-o-que-diz-a-charge%2F](https://twitter.com/BlogdoNoblat/status/1272353246137458691?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Eetweentembed%7Ctwtterm%5E1272353246137458691&ref_url=https%3A%2F%2Fhoradopovo.com.br%2Fperseguiacao-a-aroeira-e-noblat-confirma-o-que-diz-a-charge%2F)



usualmente à saúde, acrescentando-lhe traços em cor negra que a transformam numa imagem que lembra a suástica, retoma um discurso corrente em parte da sociedade brasileira que considera o governo atual nazista, ou, no mínimo, como tendo traços que lembram aquela ideologia, materializada em atos de governo. Uma charge como esta não é lida apenas como humorística (marcada pelo “exagero”, pela *non-bona fide*, isto é, que não pretende convencer que se trate de um fato que a cruz vermelha foi transformada numa suástica), mas também como expressão de um posicionamento político: é uma charge que emerge de, e expressa uma posição crítica ao governo atual, e assim é lida, tanto que gerou o processo acima mencionado, além de um movimento conhecido como *charge continuada*, em que vários desenhistas, em apoio a Aroeira, fizeram a sua versão da charge censurada.

Mas nem todas as peças de humor expressam posicionamentos políticos em sentido estrito. Uma charge que merece destaque quanto a isso é a seguinte, originada de uma charge de Duke:



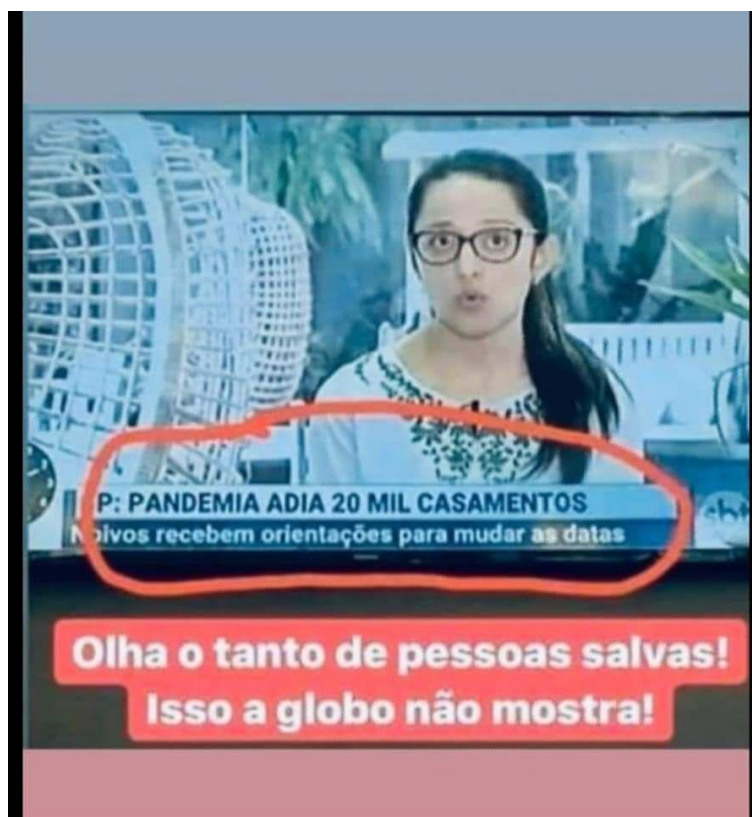
**Figura 2:** A charge original, restrita à parte esquerda da imagem, é atribuída a Duke. Não confirmamos se a sua “atualização” é da mesma autoria.

No campo político-partidário atual do Brasil, há dois posicionamentos extremos que, derrisoriamente têm sido chamados de “bolsominions” *versus* “petralhas”. O autor da charge em questão não “toma partido”, pois nivela ambas as figuras políticas

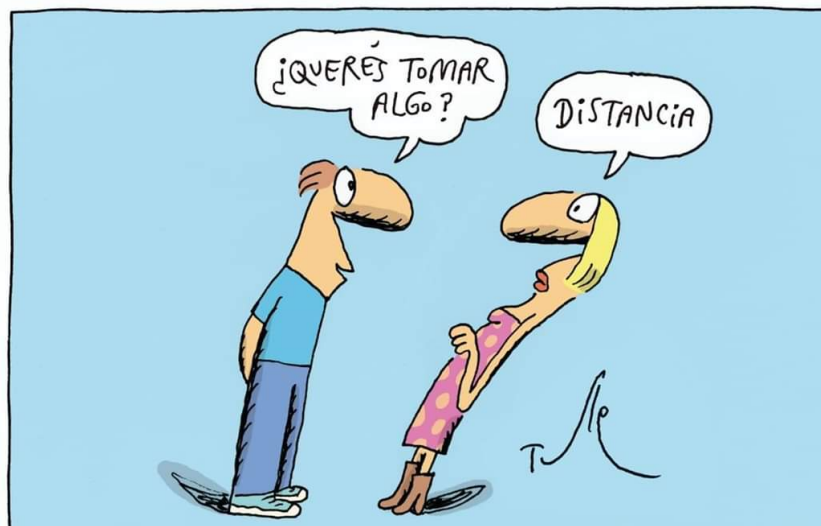
representadas (Jair Bolsonaro e Lula) a partir de declarações feitas por ambos e que, supostamente, igualariam os dois, representados com as mãos sujas de sangue sobre montes iguais de caveiras.

Mas, para além dessa relação com acontecimentos precisos e com tomada de posicionamentos num campo específico, a relação entre o humor e FD temática (cujo foco é o acontecimento da pandemia e seus desdobramentos) traz à tona uma série de subtemas. São assinaladas a seguir as que trataram do próprio isolamento social, que permitiu que surgissem diversos temas ligados ao cotidiano. Em geral, trata-se de questões que “estavam lá” e que o isolamento fez aparecer mais claramente.

Por exemplo, o casamento: piadas sobre casamento, célula oficial da família e da sociedade, já há muito tempo são utilizadas desde colunas de jornais, programas de TV, coletâneas autorais de humoristas e mesas de bar. Uma memória discursiva, assim, é reatualizada por meio desse novo acontecimento que é a pandemia e seus desdobramentos, tal como sugerem os exemplos a seguir, uma charge de Tute<sup>7</sup> e um meme anônimo:



<sup>7</sup> Para charges de Tute, ver [HTTPS://www.facebook.com/Tute.dibujante/about](https://www.facebook.com/Tute.dibujante/about)



**Figura 3:** o casamento continua sendo tema para o humor

A figura 3 mostra dois “textos” cujo tema é o casamento, ambos com olhar disfórico sobre a instituição. O primeiro comemora o adiamento de casamentos devido à pandemia, numa espécie de manchete, à qual se acrescentou que tal adiamento significou a salvação de muitas pessoas. O segundo mostra o diálogo entre dois cônjuges no qual se explora o duplo sentido de “tomar” (a oferta de uma bebida, um gesto amistoso, e seu emprego em um idiomatismo, “tomar distância”, uma negativa à oferta de bebida e uma declaração francamente inamistosa, expressando o desejo de ficar longe. São exemplos em que o humor, a partir do choque entre *scripts*, põe em cheque determinadas representações sobre casamento e relações conjugais.

Ainda nessa abordagem da temática “casamento”, há diversos apelos ao recurso aos estereótipos. Um caso que explora o tema a partir dessas representações “clássicas” das funções de marido e de esposa são postagens em que se lê, por exemplo: *Hoje meu marido achou uma barata na cozinha, tirou tudo do lugar, limpou e desinfetou tudo!!! Amanhã vou colocar uma barata no banheiro*: este meme encena os diferentes papéis dos cônjuges na casa. A prática dominante é que a responsabilidade seja da mulher (o marido às vezes “ajuda”). O texto conta o episódio em que o homem faz algo de inusitado (embora matar uma barata até possa ser seu papel, porque as mulheres são representadas como tendo pavor delas; nas comédias, elas sobem na mesa dando gritos histéricos). Mas nem é disso que se trata aqui, e sim de o homem ter aproveitado o ensejo para limpar a cozinha cuidadosamente. O humor decorre da ideia que a mulher expressa em seguida: vai criar situação análoga na esperança de que ele limpe também o banheiro, porque só assim faria tal trabalho.

O tópico “relações conjugais” aparece de outras formas, sugerindo também representações, digamos, “subterrâneas”, embora muito pertinentes e plausíveis. Por exemplo, uma postagem diz: *Quinto dia da quarentena em casa. Fiz amizade com uma mulher que diz ser minha esposa...* A técnica que consiste em exagerar um fato de forma caricatural, exagerado. É uma forma de retratar relação marido e mulher na qual a indiferença é o traço dominante. A interpretação que parece mais evidente (considerada certa memória sobre tal relação) é que o marido desconhece a presença da mulher, não considera sua opinião, seu trabalho, não a vê etc. O exagero, recurso típico em textos humorísticos, consiste em criar uma cenografia em que o marido sequer conhecesse sua esposa, não soubesse quem ela é e a achasse completamente estranha antes da quarentena que o obriga a ficar em casa, e então a vê-la e criar uma relação próxima.

Outro subtema que está associado a acontecimentos mais “cristalizados” em determinadas culturas diz respeito (ao aumento de) consumo de álcool (atestado em pesquisas de consumo). Um exemplo é a apresentação de uma garrafa cujo rótulo, similar ao das garrafas de bebida alcoólica, mostra a marca, que é, surpreendentemente, CLOROCANA (figura 4), palavra facilmente associada CLOROQUINA, centro de uma longa controvérsia, não só no Brasil, sobre sua eficácia contra a Covid-19. A solução proposta é CLOROCANA, ou seja, beber, já que os tempos estão bicudos. Ao mesmo tempo, a associação das duas palavras provoca riso pela surpreendente “sacada”, o que se pode atrelar à técnica de “condensação” proposta por Freud (1905) como mecanismo próprio do humor.



**Figura 4:** Quem nunca ouviu uma piada sobre bêbados e embriaguez?



Mais um desses subtemas do cotidiano da pandemia e que também remonta a acontecimentos de longa duração (o que uma cultura considera em termos de “hábitos civilizados” em oposição ao que efetivamente ela é) está relacionado à comida e ao comer.

A incongruência entre um “antes” e um “depois” do confinamento forçado pela pandemia bebe na mesma fonte que explora um “excesso” *versus* um “normal” na oposição sugerida já há muito pelos glutões dos quais falaram Rabelais e Erasmo.

É o que sugerem, implicitamente, os exemplos (figura 5): um explora a palavra “distanciamento” para tratar do fato de que o botão da calça não pode ser aproximado da casa (metonímia para “aumento das dimensões do abdômen, efeito da ingestão de comida em excesso); o outro encena um corpo deitado cujas curvas se assemelham às representações gráficas da evolução dos casos de Covid-19 que se tornaram familiares, representando a “engorda”. O texto fala da “dificuldade de segurar a curva”, expressão que mimetiza a avaliação dos avanços da pandemia, aumentar / diminuir a curva.



**Figura 5:** Alguns dos muitos memes que abordam uma das consequências do confinamento: engordar.

Assim, o próprio confinamento é objeto de riso, já que “fique em casa” se tornou um bordão, uma súmula de comportamento, que inclui só sair de casa para atividades indispensáveis ou gerou outras antes menos presentes na vida da “maioria” das pessoas. Uma delas seria “tirar o lixo”, aproveitada para fazer surgir uma prática que é vestir-se segundo certos parâmetros para “sair” (ir ao bar, à festa, ao teatro, ao cinema). Daí uma postagem, por exemplo, em que se lê: *Hoje vou sair de casa. É minha vez de tirar o lixo. Que emoção! Nem sei que roupa vou usar.* O exagero, que gera humor mais uma

vez, consiste em considerar que sair de casa e ir até à rua ou pelo menos até o portão (perto da lixeira) seja o que há de mais semelhante a ir “sair”, que, entre outras coisas, exige, de certa forma, que se vista uma roupa mais elegante ou, pelo menos, menos comum ou informa, a que se veste em casa. Tal como também nesse meme, em que se subverte uma saída “banal” como ir ao mercado em um acontecimento de “luxo”. Este subtema está ainda melhor representado na figura 6, na qual aparece uma mulher fazendo compras num supermercado trajando “a melhor roupa”:



**Figura 6:** A incongruência entre uma cena antes banal e agora, com a pandemia, extraordinária.

Nessa relação entre humor e “acontecimentos arqueológicos”, há exemplos que poderiam ser classificados “humor negro” (*dark humor*), isto é, que tematizam a desgraça, por exemplo, a morte, apresentando-a de forma inesperada. Considere-se a postagem *Nada de pânico! Daqui a alguns meses estaremos rindo dessa pandemia juntos. Eu, você, o Gugu, a Hebe, a Dercy...* que de início parece, vislumbrando uma situação vindoura alegre, na companhia de outras pessoas. Mas, de repente, a lista de pessoas é de mortos famosos, o que implica que estaremos mortos também nós. A situação típica da pandemia é de pavor da morte, por isso o isolamento, que é triste. Mas logo o que seria alegre se revela ainda mais triste, pois se trata da previsão da morte. Mas esta premonição é apresentada de forma bastante surpreendente, o que provoca o riso.

Também ocorrem paródias, baseadas na alusão a um gênero de discurso, o bíblico. Uma postagem alude a um versículo bíblico (do conhecido Sermão da

Montanha): *Bem-aventurados os que os que andam passeando à toa na rua, em breve eles verão o Senhor (Teimosos, 1.1)* incluindo o arremedo das citações do Livro: autor, capítulo e versículo. Só que o autor se chama *Teimosos*, o que permite retomar a crítica aos que não aceitam as normas sanitárias associadas ao isolamento e teimam em sair de casa, com todos os discursos que cercam essa forte sugestão: evitar o risco para si e para ou outros, principalmente, ou seja, evitar o crescimento da pandemia.

Outro exemplo: *Quarentena: estou tentando manter minha rotina normal, pela sanidade. Então montei uma mini-academia em casa, e tb nunca fui*: o tema é o abandono dos exercícios físicos, mesmo após uma preparação para tal empreitada. A técnica envolve a surpresa, ou uma mudança de *script*: espera-se que a pessoa diga que está se exercitando em sua academia privada, mas ela diz que faz o que sempre fez em outras circunstâncias: não vai à academia. Há aqui um complexo interdiscurso aqui: a necessidade do exercício, a ênfase nesta prática durante o isolamento, a possibilidade de adquirir aparelhos (um discurso transversal, porque nem todos podem fazê-lo), o abandono de uma aparente decisão (similar ao abandono dos regimes alimentares, sejam para emagrecer, sejam pela saúde em geral).

Mais um exemplo de humor a partir das novas rotinas advindas com a pandemia: *Ficar em casa nem é tão ruim assim. Mas me parece muito estranho um saco de arroz ter 8956 grãos e outro 8743*. O meme tematiza o tédio que representa ficar em casa sem nada para fazer, ou melhor, sem os trabalhos usuais que eram feitos fora de casa. O resultado seria o tédio, ou tentativas de ocupar o tempo fazendo alguma coisa. O meme sugere - também pelo exagero que seria ocupar-se contando grãos de arroz nas embalagens - que as pessoas não sabem ocupar seu tempo por sua iniciativa, talvez por não serem muito afeitos a atividades como ler ou ouvir música, ou dedicar-se a algum artesanato. Se não há as obrigações de sempre, não há o que fazer. Então, contar grãos de arroz - ato que representa uma atividade completamente sem sentido, mas narrada indiretamente, dado que só se enuncia o resultado da contagem, não a própria atividade! Outro caso pode ser ilustrado por meio do tuíte em que se pode ler: *Ainda bem que Noé não achou que o dilúvio era só uma garoazinha*, uma alusão à fala repetida de Bolsonaro segundo a qual a Covid19 não passava de uma gripezinha (questão que gerou também muitos debates “sérios” e que é também retomada no campo do humor).



**Figura 7:** O humor atravessa diferentes gêneros, inclusive os *tweets*.

*Yo nunca vi que una cosa que viniera de China durara tanto.* O humor decorre de discursos razoavelmente recentes que insistiam sobre a fragilidade ou pouca durabilidade dos produtos chineses, associados seja à cópia seja aos materiais de segunda ou à fabricação pouco sofisticada (como se diz no Brasil dos produtos paraguaios, aliás, frequentemente chineses ou caracterizados como tal). De quebra, o meme mostra que os mesmos circulam pelo mundo, traduzidos ou adaptados, como o vírus, tal como sugerido no seguinte meme:



**Figura 8:** As línguas podem ser diferentes, mas o humor continua universal.

*Le plus dur dans le confinement, c'est la première année (o mais duro do confinamento é o primeiro ano).* Quando essa postagem circulou, sua graça estava ligada, mais uma vez, ao exagero: previa confinamento de mais de um ano, talvez de vários; o “esperado” seria que o texto dissesse “as primeiras semanas / o primeiro mês”, até porque era o que se ouvia mais comumente. Mas a expressão “o primeiro ano”



implica outros anos de confinamento, o que soa engraçado, talvez exagerado, mesmo que um pouco trágico. O fato de se tratar de um meme francês indica que os problemas e as “soluções” não são regionais ou nacionais...

### **Provocações finais...**

A relação entre humor e acontecimento considerando textos de humor suscita muitas indagações. O que fizemos aqui foi basicamente analisar com alguma ligeireza um conjunto de dados que, se não recobrem a totalidade dos temas, certamente dão conta do que ocorreu de mais típico nesse campo.

Acrescentaremos quatro considerações. A primeira é para anotar o fato de que grande parte do humor sobre a pandemia circulou na forma de memes, que devem tudo ao digital. A segunda é que textos de humor como os analisados praticamente deixaram de ocorrer, o que significa que o isolamento de certa forma deixou de ser objeto de discursos em todos os campos: quase não se ouve mais “lave as mãos” e “fique em casa”. Hoje fala-se mais das máscaras do que do confinamento. Aliás, há memes ou charges sobre máscaras, que aqui não consideramos. Por exemplo, um meme mostra cães se perguntando se os humanos teriam mordido alguém, já que estavam de máscara; uma charge mostrava humanos presos numa jaula e cães soltos em volta, olhando-os com estranheza. A terceira é sobre memória: muitos memes implicam tanto uma memória de longo prazo quando uma de curto prazo: a relação bebida e depressão é de longo prazo; o aumento de consumo de bebida durante o confinamento devido à Covid19 é de curto prazo; a complicada relação matrimonial é de longa duração; “reconhecer” a cômica é de curta duração. A quarta é sobre uma ausência: “um discurso pode ser relevante pelo que não diz”, afirmou alguém. Há um não dito nesse humor. É no mínimo estranho que não haja personagens negras no conjunto de memes que vimos ou recebemos de colegas. As personagens são sempre brancas. As mulheres (que engravidam ou bebem ou engodam) são em geral loiras (um caso bem exagerado é pentear um miojo, como se fosse uma cabeleira loira). Uma hipótese é que tenham funcionado também neste espaço (neste tempo) os mesmos estereótipos dominantes. Outra é que essa “exclusão” se deve ao fato de que os confinados pertencem mais tipicamente à classe média (o “povo” teve que sair para trabalhar, eventualmente nos hospitais, e em grande medida este povo é preto). Outra hipótese é que, como as personagens em geral são objeto de derrisão, os humoristas não ousaram incluir pretos;

o risco de que a derrisão soasse como racismo levou a evitar tais essas representações. Mas não é isso uma forma de exclusão?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1969.

FOUCAULT, M. Retornar à história. In: **Ditos e escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972, pp. 282-295.

FREUD, S. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1905.

MAINGUENEAU, D. Unidades tópicas e não-tópicas. In: **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, pp.11-26.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

### Como referenciar este artigo:

POSSENTI, Sírio; MUNIZ, Cellina Rodrigues. Rindo da / na pandemia. **revista Linguagem**, São Carlos, v.35, Dossiê *Discurso em tempos de pandemia*, setembro/2020, p. 119-135.